



Walter Benjamin, leitor de Santo Inácio de Loyola e Marcel Proust: Tecendo Analogias

Dirceu Ribeiro Nogueira da Gama¹

Introdução

Várias das contribuições filosóficas trazidas pelo pensador e ensaísta alemão Walter Benjamin (1892 – 1940) ao estudo da história assentam, em grande medida, no perfil do aporte teórico-metodológico que o mesmo adotou para nortear seus trabalhos de pesquisa. Inúmeras vezes Benjamin demonstrou ser seguidor de procedimentos investigativos oriundos da Renascença e do Medievo, os quais concebiam os objetos artísticos como produções capazes de exibir, no tempo específico em que nasceram, aspectos particulares do tempo presente onde tornaram-se conhecidos e avaliados (Merquior, 1969). Para Benjamin, pinturas, textos, construções arquitetônicas, etc. equivalem a verdadeiros microcosmos em cujo interior encontravam-se vestígios das múltiplas linguagens empregadas pela humanidade ao longo das épocas para estabelecer correspondências entre as coisas do mundo (ibid.). Como corolário, os grandes artistas insurgiam então como pessoas dotadas de aptidões únicas, responsáveis por providenciar a assimilação e o registro desses fluxos linguísticos no que possuíam tanto de evidente como de oculto. Para Benjamin, os grandes nomes da arte nos séculos XIX e XX que melhor fizeram isso foram Paul Klee, Bertold Brecht, Charles Baudelaire, Franz Kafka, Edgar Alan Poe, Robert Walser, Louis Aragon, Andre Breton e Marcel Proust (Roberts, 1982).

Especificamente em relação a Proust, no ensaio *A imagem de Proust*, de 1929, o filósofo defende que os treze volumes da coleção *A la recherche du temps perdu* são uma complexa síntese onde misticismo, prosa, memorialística, comentário, sátira, erudição e auto-biografia entrelaçam-se segundo nexos que escapam à qualquer critério de classificação conhecido. “Que esse grande caso excepcional de literatura constitua ao mesmo tempo a maior realização literária das últimas décadas é a primeira observação, muito instrutiva, que se impõe ao crítico.” (Benjamin, 1994, p. 36). Benjamin também admite que um empreendimento dessa magnitude só foi possível porque Proust jamais teve receio de mergulhar a fundo no interior de si mesmo. “Dificilmente terá havido na literatura ocidental uma tentativa mais radical de auto-absorção, desde os exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola. Também ele tem em seu centro uma solidão que (...) arrasta o mundo em seu turbilhão.” (Ibid. p. 46).

Pelas palavras anteriores, nota-se que Benjamin considera o ensimesmamento um quesito fundamental para a estruturação da atividade literária. Decorre daí que a obra acabada representa um testemunho material direto da maneira como o escritor conduziu esse processo de auto-entrega subjetiva. Consoante a leitura do filósofo, os escritos de Proust, junto com os de Santo Inácio de Loyola, espelham os extremos de até onde essa penetração interior pode chegar. Por outro lado, ao mesmo tempo em que particularmente tece essa comparação, Benjamin não chega a expor de maneira

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Gama Filho/Rio de Janeiro/Brasil. Docente do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas/Brasil

detalhada e organizada as informações nas quais se baseou para efetivá-la. Portanto, o objetivo desse trabalho consiste de um levantamento destas informações, a partir da investigação de dois textos distintos: o já citado ensaio *A imagem de Proust*, de autoria de Benjamin, e o livro *Exercícios Espirituais*, considerado a mais significativa produção de Santo Inácio de Loyola (Gracia & Noone, 2005). Em seguida a exposição dos principais conteúdos de ambos, delinearemos uma síntese comparativa de seus pontos principais, para, por fim, fazermos nossas considerações últimas.

Proust e A La Recherche du Temps Perdu

Logo nas primeiras linhas do artigo dedicado à Proust intitulado *A imagem de Proust*, Benjamin faz questão de frisar que o eixo central daquela que para ele é a grande produção do autor, a coleção *A la recherche du temps perdu*, não é outro senão as lembranças pessoais do escritor francês. A tarefa de recuperá-las pelo recurso à palavra literária representa o grande desafio ao qual Proust entregou sua vida, que, segundo o filósofo, deve ser entendido como um imenso desejo de felicidade. No entanto, a felicidade buscada por Proust nada possui de beatífica; antes, ela condiz com uma certa visão elegíaca, afim da certeza de que os traços primordiais do eterno podem ser invocados na brevidade dos instantes do presente.

É essa idéia elegíaca da felicidade (...) que para Proust transforma a existência na floresta encantada da recordação. Sacrificou a essa idéia, em sua vida, amigos e sociedade, e em sua obra, a ação, a unidade da pessoa, o fluxo da narrativa, o jogo da imaginação (...). Ele diz: imagine, caro leitor, ontem eu mergulhei um bolinho numa xícara de chá, e então me lembrei que tinha morado no campo, quando criança. Para dizer isso, Proust usa oitenta páginas, e o faz de modo tão fascinante que deixamos de ser ouvintes, e nos identificamos com o próprio narrador desse sonho acordado (...) Toda interpretação sintética de Proust deve partir necessariamente do sonho (Benjamin, 1994, p. 39).

Percebemos então que a intensidade com que Proust transpõe para a folha de papel suas memórias é proporcional à profundidade com que penetra na esfera onírica do sonho. De acordo com Benjamin, eis o fator chave para a compreensão do imenso poder sedutor de seus escritos: assentes no inconsciente, as criações de Proust não relacionam-se obedecendo a critérios de identidade estanques e definitivos; ao contrário, os vínculos que as unem são da ordem das semelhanças. Ora, semelhanças, segue Benjamin, fundam-se em aproximações, e, como toda aproximação, elas pressupõem uma certa imprecisão. Esse fato deve ser levado em conta caso a filosofia realmente queira buscar a verdade, o que muitas vezes é desprezado pelas análises lógicas mais ortodoxas. A título de ilustração, na abertura do livro *Origem do drama trágico alemão*, Benjamin alerta sobre as conseqüências desse equívoco:

É próprio da literatura filosófica o ter de confrontar-se a cada passo com a questão da representação. Na sua forma acabada, essa literatura apresentar-se-á como doutrina, mas o simples pensamento não tem o poder de lhe conferir esse caráter acabado. A doutrina filosófica assenta na codificação histórica, e por isso não pode ser invocada 'more geometrico'. Do mesmo modo que a matemática mostra claramente que a eliminação total do problema da representação, reivindicada por toda a didática rigorosamente objetiva, é o

traço distintivo do conhecimento autêntico, assim também é igualmente decisiva a sua renúncia à esfera da verdade, que é o objeto (...) das línguas naturais. (Benjamin, 2004, p. 13-14).

Portanto, a abertura ao perpétuo diálogo com outros universos de referência cujos fatores constituintes não interagem de maneira determinística entre si deve ser um compromisso das filosofias que efetivamente procuram os caminhos da verdade; o mundo de Proust equivale a um desses universos.

As crianças conhecem um indício desse mundo, a meia, que tem a estrutura do mundo dos sonhos, quando está enrolada, na gaveta de roupas, e é ao mesmo tempo 'bolsa e conteúdo'. E, assim como as crianças não se cansam de transformar, com um só gesto, a bolsa e o que está dentro dela, numa terceira coisa – a meia –, assim também Proust não se cansava de esvaziar com um só gesto (...) o Eu, para evocar sempre de novo o terceiro elemento: a imagem (...) Proust ficava no leito, acabrunhado pela nostalgia (...) de um mundo deformado pela semelhança, no qual irrompe à luz do dia o verdadeiro rosto da existência, o surrealista.” (Ibid. p.39-40).

O diferencial de Proust está então na proficuidade com que consegue encontrar e revelar semelhanças entre objetos ou sentimentos familiares segundo perspectivas novas, antes sequer vislumbradas, assim como para as crianças a meia é, ao mesmo tempo, bolsa e conteúdo. Desse modo, o que se tinha como aparentemente conhecido ressurgiu com a conotação de algo estranho, e vice-versa. Como consequência, as formulações lingüísticas do escritor francês têm o poder de impactar de modo soberbo muitas das representações até então tidas como verdades intocáveis. Em se tratando do indivíduo, isso pode ocasionar uma reviravolta no ordenamento dos elementos que moldam sua subjetividade: quando isso acontece, novos contextos e horizontes existenciais necessariamente aparecem. “O verdadeiro leitor de Proust é constantemente sacudido por pequenos sobressaltos.” (Ibid. p. 43).

Não em *A imagem de Proust*, mas em outro de seus textos seminais, o livro *Passagens*, Benjamin procura explicar o porquê de alguns artistas da estirpe de Proust serem capazes de produzir obras geradoras desses efeitos. Para tal, revisita o psicanalista Carl Jung:

O processo criativo...consiste em uma ativação inconsciente (...) até resultar na obra perfeita. A nova configuração (...) é, de certa forma, sua tradução para a língua do presente...Nisso reside o significado social da arte: ... ela traz à tona as formas de que mais sente falta o espírito do tempo. Insatisfeito com o presente, o desejo do artista se retrai até atingir no inconsciente a imagem (...) apta a compensar...a unilateralidade do espírito do tempo. O desejo apodera-se dessa imagem e, ao aproximá-la da consciência, muda também sua forma até que ela possa ser apreendida pelo homem do presente segundo sua capacidade de compreensão. (Jung, citado por Benjamin, 2006, p. 513-514).

Caso apliquemos a Proust esse diagnóstico de Jung acerca das circunstâncias que regem a criatividade artística, podemos afirmar que depois de perceber e trabalhar internamente com grande perspicácia aspectos do cotidiano da modernidade francesa do século XIX, sua imaginação converte-os em palavras ao mesmo tempo familiares e surpreendentes para a capacidade de compreensão do homem comum. No entanto, nas entrelinhas dessas palavras, transparece o anúncio da possibilidade de um futuro alternativo onde a esperança de felicidade impõe-se com toda a pujança que lhe cabe.

Esse duplo movimento de submersão e exteriorização subjetiva que Proust faz não é de maneira alguma fácil de ser realizado, assevera Benjamin, porque envolve o cruzamento de duas temporalidades distintas.

Para o artista submergir no interior de si, ele precisa abstrair-se das externalidades e deixar-se levar pelos ritmos internos. Sem essa auto-entrega, a viagem até as paragens mais longínquas de sua memória não acontece, e, por conseguinte, o recolhimento dos fragmentos de lembranças que lá aparecem dos quais depende a formação das imagens que orientam sua produção estética. Em *A imagem de Proust*, Benjamin diz que esses instantes obedecem aos imperativos de um tempo de reminiscências. No entanto, a duração das lembranças acessadas nesse universo tende a ser muito breve, sumindo tão rápido como surgem. Caso não sejam registradas com velocidade, correm o risco de apagarem-se sem maiores chances de recuperação. Em se tratando desse outro tempo, Benjamin denomina-o de tempo do envelhecimento; quando ele chega, o artista tem que lutar para salvar as informações que a memória lhe mostrou através de sua materialização no desenho, no aforisma, no verso, na cor, etc. Acerca da convergência desses dois tempos distintos em Proust, Benjamin ajuíza:

Compreender a interação do envelhecimento e da reminiscência significa penetrar no coração do mundo proustiano, o (...) dos entrecruzamentos. É o mundo em estado de semelhança, e nela reinam as “correspondências”, captadas inicialmente pelos românticos, e de modo mais íntimo por Baudelaire, mas que Proust foi o único a incorporar em sua existência vivida. É a obra (...) da força rejuvenescedora capaz de enfrentar o implacável envelhecimento. Quando o passado se reflete no instante (...) o choque (...) do rejuvenescimento o condensa (...) irresistivelmente (...). Mas o que chamamos rejuvenescimento é justamente essa concentração na qual se consome com a velocidade do relâmpago o que de outra forma murcharia e se extinguiria gradualmente. A la recherche du temps perdu é a tentativa interminável de galvanizar toda uma vida humana com o máximo de consciência. (Benjamin, 1994, p. 45-46).

Ora, colocar que a leitura de Proust causa rejuvenescimento equivale a ratificar sua disposição para conduzir o sujeito ao território da infância. Etimologicamente, a palavra infância deriva do latim “in-fans”, o qual remete a ausência de fala, pontua Castello (2006). Um indivíduo de pouca idade é denominado *infans*. Esse termo está formado por um prefixo derivativo *in* (não), e o verbo *fari*, (falar), daí seu sentido de ‘que não fala’, ‘incapaz de falar’. Tão forte era esse sentido originário, informa o autor, que Lucrécio empregava o substantivo derivado *infantia* com a intenção de designar os incapazes de falar. Porém, com o passar do tempo, *infans* – substantivado – e *infantia* começaram a ser empregados com o sentido de ‘infante’, ‘criança’ e ‘infância’, respectivamente. De fato, é desse sentido que se geraram os vocábulos derivados e compostos *infantilis* (infantil), *infanticidium*, (infanticídio), etc. Ainda depois disso, um novo uso apareceu para a palavra *infans*, concernente a idéia de que os discursos das pessoas jovens em geral, por serem repletos de elementos fantasiosos e imaginativos, pecariam pela fidedignidade. Isso tornaria seus depoimentos inviáveis enquanto testemunhos em tribunais.

Pelo exposto, os jovens e crianças pertencem ao rol daqueles cuja fala e linguagem marcam-se pela inexatidão dos conteúdos proferidos. Esse ingrediente de inacabamento justificaria impedi-las de participar das ocasiões sociais onde acima de tudo urge primar pela precisão. Tal precariedade insurge assim como fundamento legitimador de medidas de exclusão.

No entanto, podemos pensar o mesmo fenômeno a partir de outras referências,

como sugere o filósofo Giorgio Agamben (2005). No entender do autor, a inexatidão da linguagem dos infantes também indica que neles existe um espaço de abertura passível de incorporar elementos alheios. Portanto, a recepção de novas informações e o óbvio despertar de aprendizados que isso desperta subjaz ao contexto da infância. Isso quer dizer que nela não há perspectivas estanques, e sim a perpétua reviravolta dos modos de ver, sentir e avaliar. Continuando essa interpretação, Agamben (2005) sublinha que uma das mais importantes e eminentes características humanas, o aprimoramento da linguagem, está ligado a uma certa dose de infantilidade: recusá-la implica encurtar os horizontes da fala, da escrita e da expressividade. Logo, sem a contínua refundação de si nos parâmetros da infância, o homem termina por limitar o espectro de sua capacidade nomeadora e comunicativa, e, conseqüentemente, as possibilidades de interagir dinamicamente com a cultura.

Por esse viés, o encurtamento dos horizontes lingüísticos diminui o raio de alcance do pensamento e mesmo as chances de algo diferente ser imaginado ou feito. Portanto, é de se esperar que o sujeito tenda a aproveitar com menos proficuidade tudo aquilo que historicamente o campo da experiência lhe proporciona, o que significa dizer que sem a referência da infância o mesmo transforma-se num bloco invariante, imodificável e passivo.

Retornando a Proust após essa breve digressão, o comentário de Benjamin de que *A la recherche du temps perdu* rejuvenesce a vida dos leitores deriva da certeza de que o escritor francês, ao dobrar e desdobrar com intensa criatividade a linguagem, dada a necessidade de designar a tempo os acontecimentos que lembra antes que sumam de sua memória, acaba por encaminhá-los também a territórios inacabados onde conceitos, letras, orações, etc. não possuem estabilidade. Em outras palavras, Proust escreve desmontando fortuitas relações arbitrárias entre significante e significado, de forma análoga ao que as crianças fazem com as coisas do mundo durante as brincadeiras onde, por exemplo, pedras convertem-se em automóveis ou então galhos em espadas. Vendo por um outro prisma, as frases de Proust espelham a sua necessidade de rematar a linguagem sem cessar para atingir o termo, ou os termos, que mais se aproximam do que quer designar. Essa atividade ratifica justamente o quanto aquela é limitada, nos seus convencionalismos, enquanto instrumento de registro textual da totalidade das lembranças que acometem-no. Entretanto, reitera Benjamin, sem a realização dessa hercúlea tarefa de procurar achar sempre a frase mais acurada ou a expressão mais convincente, o autor não presentearia a si e nem seus leitores com o maior de todos os brindes: a visualização, mesmo breve, de certas facetas do absoluto:

Sem dúvida, a maioria das recordações que (...) aparecem à nossa frente sob a forma de imagens visuais (...) são (...) em grande parte isoladas (...). Mas por isso mesmo, se quisermos captar com pleno conhecimento de causa a vibração mais íntima dessa literatura, temos que mergulhar numa camada especial (...), na qual os momentos da reminiscência, não mais isoladamente, com imagens, mas informes (...) e densos, anunciam-nos um todo (...) indizível (...). (Benjamin, 1994, p. 48-49).

Em suma, finaliza Benjamin, *A la recherche du temps perdu* reflete a imensa cumplicidade de Proust com o curso do mundo e com as existências nele abrigadas, pois o momento seguinte ao encontro de um fragmento de memória com uma expressão lingüística pode coincidir com a origem de um duplo lampejo de felicidade e manifestação do absoluto, cujo vislumbre direto apenas filósofos da magnitude de um Platão ou de um Espinosa conseguiram contactar.

Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola

O principal motivo que impeliu o religioso Inácio de Loyola, fundador da ordem dos jesuítas, a reunir em compêndio toda uma série de técnicas de meditação, contemplação e oração desenvolvidos pelo próprio com o nome de *Exercícios Espirituais* não foi outro senão ensinar aos homens procedimentos de auto-exame da própria consciência. Programados para acontecer num prazo máximo de trinta dias, sub-divididos em quatro módulos com não mais do que uma semana de duração cada, os seguintes conteúdos devem ser propostos e sistematicamente refletidos passo a passo: a natureza do pecado, na primeira semana; a vida de Jesus até o dia de Ramos, na segunda; a Paixão de Cristo, na terceira; a Ressurreição e Ascensão, na quarta.

O módulo inicial de trabalho começa com uma exortação aos alunos para que se recordem das vezes em que pecaram e por quais razões. Depois, todos são chamados a rezar uma oração silenciosa contra as tentações que normalmente levam a vontade a cometer equívocos. No decurso dessa oração, Loyola (2009) pede a cada um que procure lembrar dos locais descritos na Bíblia reservado às almas corrompidas e não corrompidas. Finda essa etapa, recomenda-se uma revisão dos pecados originais de Lúcifer e Adão e Eva, bem como os múltiplos formatos com que aparecem no cotidiano.

A próxima tarefa é uma repetição do procedimento anterior, porém à luz das faltas pessoais. Em paralelo, Loyola (2009) propõe um exercício de mensuração do comprimento, largura e profundidade do Inferno, com a intenção de fazer os estudantes imaginarem a agonia coletiva que acomete o corpo dos incautos presos nas suas malhas. Encerrada essa meditação, o grupo estabelece o teor das penitências às quais os pecadores devem se submeter a fim de obterem o perdão de Deus.

Na abertura da segunda semana, cabe ao sacerdote ou professor que esteja ministrando os exercícios espirituais sugerir, via leituras de trechos dos Evangelhos, uma visualização das sinagogas, aldeias e vilas onde Jesus Cristo pregou. Convém fazer de novo essa atividade por mais dois dias, todavia tomando-se como conteúdos a Anunciação de Maria pelo Anjo Gabriel e o nascimento de Jesus. Havendo ainda necessidade de repeti-la, o quarto e o quinto dias servem para isso, pois de sua perfeita execução depende o próximo procedimento, considerado por Loyola (2009) como de imensa dificuldade, a saber, uma projeção mental no corpo físico individual das sucessivas sensações que por ventura acometeram o menino Jesus quando veio ao mundo e também sua mãe Maria ao receber a sagrada visita do Anjo Gabriel. No mais, Loyola (2009) enfatiza que há outros acontecimentos bíblicos adequados a esse mesmo propósito, como o batizado de Cristo no Rio Jordão; suas conversas, ainda menino, com os Sacerdotes hebreus; a insatisfação com a mercantilização da palavra de Javé; a crise de fé e a retirada aos desertos; o Sermão da montanha; a aparição aos discípulos sobre as ondas do Mar da Galiléia; a ressurreição de Lázaro e o dia de Ramos.

Revisitados esses episódios, Loyola (2009) pergunta até que ponto eles ajudam a elucidar quatro questionamentos aparentemente simples, mas de suma importância: 1) Qual o valor da humildade para se viver de maneira virtuosa e reta? 2) O que implica desejar o bem ao próximo? 3) Quais resultados a prática do amor produz para a alma? 4) Os eventos anteriormente listados, enquanto alegorias, aludem a que virtudes? Achadas e debatidas as respostas, cumpre discernir o melhor modo de praticá-las no escopo do dia a dia.

Com a chegada da terceira semana, praticamente a metade dos *Exercícios Espirituais* já terá sido apresentada e ensinada. Assim, diz Loyola (2009), espera-se

que os neófitos demonstrem o mínimo de discernimento para analisarem uma das mais complexas passagens da Bíblia: a Paixão de Cristo. Dessa vez, os temas condutores da contemplação subdividem-se em três blocos distintos. O primeiro, diz respeito a uma rigorosa caracterização do itinerário de Cristo e Apóstolos da cidade de Betânia até o Horto do Monte Sião, em Jerusalém, onde houve a Última Ceia. Aqui, Loyola (2009) revela enorme criatividade ao preconizar a necessidade dos alunos imaginarem-se como o décimo-terceiro apóstolo, porque apenas assim eles conseguem hipotetizar e debater com acurácia os diálogos levados a cabo durante a celebração. O segundo tema compreende a descida do Monte Sião, após terminada a Ceia, até o Vale de Josafat, incluindo as caminhadas e paradas para descanso aí efetuadas. O terceiro, o aprisionamento pelos soldados romanos, o Calvário e a morte via crucificação.

Consumadas tais tarefas, a próxima condiz com a realização de um colóquio debatendo os porquês de Jesus não ter tentado escapar de sua trágica sina, mesmo sabendo com antecedência da possibilidade de sua ocorrência. O encerramento de tal colóquio prevê uma oração coletiva enaltecendo a santidade de Cristo e o Inaçoamento de duas interrogações: até que ponto, no fluir das eras, a humanidade continua responsável pelo sofrimento e morte de Jesus Cristo? O que ela tem feito para buscar contornar essa situação?

A quarta e última semana representa um prolongamento da terceira, todavia com as reflexões, orações e exposição de interpretações incidindo sobre o sofrimento decorrente da crucificação e morte de Jesus; o sepultamento; as aparições *post mortem* diante da Virgem Maria, Maria Madalena, Apóstolos, São Tiago, São Tomé, José de Arimatéia e São Paulo. Finalmente, um detalhado seminário final sobre o sentido da Ascensão aos céus encerra as atividades. A transformação desses exercícios em hábitos, endossa Loyola (2009), viabiliza o amadurecimento espiritual, o incremento da concentração e a disciplina do intelecto, melhorias essas que, a médio e longo prazos, traduzem-se na ampliação e refinamento das faculdades mentais.

Marcel Proust e Santo Inácio de Loyola: Alinhando Comparações

Ao atentarmos para o processo criativo de Proust, tão bem analisado por Walter Benjamin em *A imagem de Proust*, e para as prescrições de Santo Inácio de Loyola elencadas em *Exercícios Espirituais*, reparamos que algumas similitudes aproximam ambos.

Como vimos, Proust não mede esforços em tentar reinventar as possibilidades da linguagem com o intuito de assim abarcar o inatingível inerente às profusões de imagens que jorram das profundezas de sua memória. Como consequência desse penoso trabalho, alusivo, segundo Benjamin, ao inegável compromisso do autor francês com a procura da felicidade, os leitores acabam presenteados com textos onde a composição dos parágrafos, digressões, caracterizações e comentários permite-lhes sentir, mesmo brevemente, a presença do universal. As formulações lingüísticas de Proust são de tal modo absorventes que seu público mais ávido muitas vezes acredita viver dentro do universo imagético que comunicam; movido por essa captura, ele se convence que tão logo o mesmo ímpeto de felicidade demonstrado pelo escritor tem a chance de, uma hora, agraciar suas vidas. Um conceito de Benjamin que possibilita-nos compreender os fatores que originam tal sensação é o de imagens dialéticas, explicitado pelo filósofo no livro *Passagens*:

Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido

encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, a do ocorrido com o agora é dialética – não de natureza temporal, mas imagética (...) A imagem lida, quer dizer, a imagem no agora da cognoscibilidade, carrega no mais alto grau a marca do momento crítico (...) subjacente a toda leitura. (Benjamin, 2006, p. 505).

Resumindo, os leitores de Proust crêem que há uma felicidade à espreita porque essa sensação invade seus corpos nos instantes em que vagueiam pelas páginas do autor francês. Eis aqui uma complexa questão, pois como é que um sem número de pessoas com diferentes heranças culturais, fruto das singulares experiências que tiveram da história, dos fenômenos, da religião, etc. conseguem convergir quanto à produção desse mesmo sentido? Porque, para Benjamin, pode haver um traço em comum aproximando todas elas: a lembrança coletiva de que nem todas as expectativas dos homens em tempos passados quanto à um futuro mais justo e menos desigual foram realizadas. A palavra de Proust é então crítica, pois faz reaparecer no presente de quem se entrega ao seu texto essas longínquas e obscuras lembranças de aspirações humanas que deixaram de vingar e ficaram em estado de suspensão. Parafraseando a interpretação de Habermas (2002) das teses benjaminianas sobre a história, os documentos literários legados por Proust a toda humanidade oportunizam pedagogicamente o entendimento de que acontecimentos desejados, porém não ocorridos, desde as épocas mais antigas podem ser retomados adiante; para isso acontecer, é mister que as gerações contemporâneas contraiam o compromisso ético de solidarizarem-se com seus antepassados:

O que Benjamin tem em mente é a idéia (...) de que o universalismo não ético também tem de levar a sério as injustiças já sucedidas e, evidentemente, irreversíveis; de que há uma solidariedade das gerações com seus antepassados, com todos aqueles que foram feridos pela mão do homem em sua integridade física e pessoal; e de que essa solidariedade apenas pela reminiscência pode ser efetuada e comprovada. (Habermas, 2002, p. 22).

Em grande medida, Inácio de Loyola intenta gerar semelhantes efeitos com seus *Exercícios Espirituais*. Os estudos, reflexões, declamações, orações e colóquios referenciados nas dificuldades vivenciadas por Jesus Cristo, como constam nos Evangelhos, pressupõem que: 1) a felicidade destinada a todos os homens decantada no Velho e Novo Testamento permanece um horizonte a ser construído; 2) para que isso ocorra, as mensagens e os desejos não alcançados de Jesus carecem de ser novamente lembrados no pano de fundo das problemáticas cotidianas, à vista de subvencionarem a busca de soluções. Entretanto, a consecução desse empreendimento requer engajamento e participação consciente dos indivíduos. É isso que Loyola deixa subentendido quando exige de seus alunos que não apenas leiam passagens da Sagrada Escritura, mas que partilhem entre si o conteúdo das leituras a partir das imagens mentais que delas fizeram. Vocalizando dúvidas, conclusões e certezas, cada neófito exercita junto aos demais o aprimoramento de conceitos e noções; com isso, suas capacidades lingüísticas de formulação, exposição e aplicação prática de raciocínios e métodos cresce em qualidade argumentativa. Ora, se Loyola enfatiza a necessidade desse trabalho essencialmente crítico-coletivo, é porque a transposição das mensagens éticas da Sagrada Escritura para o plano do real não está *a priori* dada ou chancelada com garantias eternas de verificação. Muito pelo contrário, elas precisam penetrar e ser penetradas pelas remissões da linguagem a fim de ganharem corpo significativo. Em outras palavras, a linguagem é o *medium*

que confere comunicabilidade a essas idéias. No livro *Origem do drama trágico alemão*, Benjamin observa a indissociabilidade desse vínculo com o seguinte comentário: “Pois as idéias não se representam em si mesmas, mas apenas e exclusivamente através de uma organização dos elementos coisais no conceito. E fazem-no sob a forma da configuração desses elementos (...) As idéias relacionam-se com as coisas como as constelações com as estrelas.” (Benjamin, 2004, p. 20).

Outro ponto relevante que não deve ser negligenciado é o fato de Santo Inácio de Loyola ter sido um homem cuja vida transcorreu em estreita ligação com o período Barroco. Nascido em 1491 e falecido em 1556, suas referências são as de alguém que existiu em um mundo dividido entre a fé na tradição judaico-cristã oriunda do Medievo e a nova cosmovisão antropocêntrica proporcionada pelo advento da Renascença. Nesse mundo, as evidências imediatas ou significações claras deixaram de existir; a falta de estabilidade e de garantias exatas colocaram o sujeito numa posição labiríntica, porquanto constelações de valores, noções, erros, acertos, etc. passaram a gravitar em torno dele sem nenhuma simetria ou parâmetro ordenador. Perante tal falta de pontos fixos, suas experiências enveredam para a constatação de que os sentidos das coisas não são atributos estanques, de modo que sempre vige a possibilidade deles receberem novos direcionamentos. Portanto, em termos epistemológicos, a produção do conhecimento esvazia-se de funcionalidades ou teleologias: como os homens e o mundo, ela é inexata e remissiva aos mais diversificados contextos (Matos, 1990).

Na concepção dos *Exercícios Espirituais* nota-se a presença de tal atmosfera, pois o agir pedagógico e filosófico de Loyola sinaliza para a constatação de que as apreensões de Cristo registradas na Bíblia não presumem um fim único ou uma interpretação definitiva. Ao advogar a necessidade de revê-las e atualizá-las nos *Exercícios Espirituais*, Loyola está subentendendo que o olhar preconizado pela arbitrariedade do dogma é apenas um dentre outras muitas possíveis formas de enxergar os ensinamentos dos Evangelhos. Contudo, isso em nada representa um olhar superior a outros que por ventura existam, pois para serem aplicadas no plano concreto da vida dos homens, é necessário que as proféticas palavras de Jesus Cristo sofram adaptações metodológicas e práticas. Segundo Benjamin, nem sempre o discurso do dogma realiza essa transposição com suficiência, pois muitas vezes falta às autoridades nele versadas uma faculdade essencial que toda a erudição que acumularam não chega a proporcionar: a presença de espírito.

Em *Madame Ariane, segundo pátio à esquerda*, o filósofo define dessa maneira esse conceito: “Pois presença de espírito é (...) observar com exatidão o que se cumpre em cada segundo (...) é mais decisivo que saber de antemão o mais distante.” (Benjamin, 1995, p. 63). No antológico trabalho *Rua de Mão Única*, Benjamin nos mostra em diversos momentos que a toda hora estamos cercados por objetos, situações, lugares e mensagens que julgamos aparentemente sem importância porquanto não sabemos decifrá-los no que profetizam, como encruzilhadas, ruas, livros, placas luminosas, datas comemorativas, parques públicos, jardins zoológicos, etc. Caso situemos as estórias da Sagrada Escritura nesses rol de elementos, falta a quase todos os homens saber acionar a faculdade da presença de espírito e empregá-la com a intenção de descortinar em seus conteúdos aquilo que soa verdadeiramente profético ao lúmen dos eventos cotidianos. Loyola parece constituir uma exceção à regra, pois, para Matos (1990), a forma com que estruturou seus *Exercícios Espirituais* subentende que a leitura da Bíblia necessita da participação da presença de espírito do leitor para ser profética. Assim, conclui a autora, o conceito de profecia em Loyola está muito mais para uma contra-vidência do que uma vidência, de modo que isto aproxima-o de Benjamin, porque, para este, a legitimidade de uma profecia ancora-se não na previsão do futuro, mas no desvelamento do que o aqui e o agora ocultam.

Ainda no entender de Matos (1990), a Modernidade em que Proust viveu e

escreveu aparenta-se com boa parte do cenário barroco dos séculos XV e XVI por ser ela igualmente eivada de coisas, valores e crenças precárias. No palco mundial da produção de mercadorias, por debaixo de todo novo bem fabricado na indústria e pôsto em circulação na esfera do comércio, jazem relações de produção estanques e invariáveis. Neste mundo, artigos apresentados como inéditos já nascem fadados a tornarem-se obsoletos devido ao surgimento de outros supostamente dotados de melhor qualidade. Do mesmo modo com que são consumidas e retiradas do comércio, as infindáveis informações visuais, auditivas, cinestésicas, olfativas, etc. que as mercadorias portam consigo penetram e saem do raio de percepção das pessoas sem que elas sequer notem. Tal estado de coisas, observa Benjamin (1989), desdobra-se no campo das relações interpessoais, porque as massas urbanas que movem-se pelas grandes cidades concentram milhares de homens e mulheres que, segundo após segundo, trocam palavras, tocam-se e continuam a seguir seus rumos como autômatos, perdidos entre seus interesses privados. A natureza das expressões, encontros e gestos desses indivíduos reproduz, para Benjamin (1989), os mesmos movimentos reflexos exercidos pelos operários altamente especializados nas linhas de montagem. Igualmente, as casas de jogos, salões, cabarés, cafés, saraus literários e outras manifestações culturais típicas da Modernidade são microcosmos onde todas essas características reaparecem, porém imbuídas de traços próprios. Portanto, o que isso nos informa em relação a Proust?

Acima de tudo, que o escritor francês, como Loyola, possuía notável presença de espírito, pois era ela que lhe permitia adentrar, por exemplo, a essência dos tensos ambientes dos prostíbulos ou salões de jogos, onde os últimos descendentes das destituídas aristocracias pré-revolucionárias, praticamente falidos (vestígios de um passado longínquo) dividiam espaço com as aspirações de membros das novas camadas pequeno-burguesas emergentes (o novo que tão logo será passado). Ou então as delicadas e ao mesmo intensas tramas que se desenhavam por debaixo dos cordiais tratamentos dispensados nos cafés e saraus literários, em cujo interior funcionários públicos, herdeiros de fortunas, prósperos comerciantes, industriais e militares reformados teciam acordos e faziam intrigas em busca de maior prestígio social, econômico ou político. Afinal de contas, dele dependem suas expectativas de sucesso nos negócios até que outros elementos venham e destituam-nos de suas posições. Tanto numa como na outra situação, as aparências presumem em si realidades muito mais profundas que tão apenas a genialidade estética de Proust dá conta de registrar.

Considerações Finais

Se, por um lado, como mostramos no último parágrafo da primeira seção de nosso trabalho, Benjamin reconhece que o vasto e diferenciado alcance dos escritos de Proust em muito deve-se a sua capacidade de ensimesmar-se e trabalhar sobre os limites da linguagem, por outro a precisa presença de espírito do literato francês responde pela forma com que ele, como poucos, capta os acontecimentos do real no que guardam de mais surpreendente. Vimos que as obras resultantes da transposição para a folha de papel dessas assimilações causam enorme comoção ao serem lidas porque suscitam, segundo Benjamin, imagens dialéticas reveladoras de que a felicidade habita o instante. Dentro dessa linha de raciocínio, Inácio de Loyola apresenta a mesma desenvoltura em termos de presença de espírito, pois, diferente de outros intérpretes bíblicos, para ele, os acontecimentos mais relevantes da vida de Jesus Cristo enquanto objeto de estudo aludem não a mensagens definitivamente acabadas, mas a idéias passíveis de eterna reconstrução.

Em suma, Proust, com sua curiosidade de artista, percorria os recantos e

lugares inusitados da Paris de sua época deixando-se preencher pelas influências que deles emanavam para, logo em seguida, transpôr para o papel os fatos mais surpreendentes que percebia antes que sumissem de sua memória, fatos esses remissivos a uma determinada faceta da até então Modernidade pouco acessada. A proficuidade pedagógica de seus livros advém tanto dessa dimensão informativa, repleta de originalidade, como da ratificação acima falada de que é possível experimentar a felicidade. Loyola, em contrapartida, ao debruçar-se com a mesma habilidade sobre os textos Evangélicos, observou neles a pedra de toque da construção uma proposta pedagógica ímpar, capaz de, pelo olhar de Benjamin, provocar no sujeito efeitos parecidos aos da leitura de Proust quando devidamente exercitada.

Para finalizarmos, não é demais lembrar que Loyola e Proust, na acepção benjaminiana, viveram imersos em mundos sem referências e certezas duradouras; os inestimáveis legados que deixam para a humanidade (seus escritos e trabalhos) representam fidedignos espelhos do estado de coisas predominante nessas realidades.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, W. A imagem de Proust. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).
- _____ *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____ *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- _____ Madame Ariane, segundo pátio à esquerda. In: *Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Obras escolhidas, v. 2).
- _____ *Origem do drama trágico alemão*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- CASTELLO, M. *Oculto nas palavras. Dicionário etimológico de termos usuais na prática docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GRACIA, J./ NOONE, T. *A Companion to Philosophy in the Middle Ages*. Malden, MA: Blackweell Publishing, 2005.
- HABERMAS, J. A consciência de tempo da modernidade e sua necessidade de autocertificação. In: *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- LOYOLA, I. *Exercícios Espirituais*. Disponível em <http://www.salvemaria.org.br/pub/publicacoes/9e38099990abc0b963aef9f847c6fb38.pdf>. Acessado em 17/02/2009.
- MATOS, O. Desejo de evidência, desejo de vidência: Walter Benjamin. In: NOVAES, A. (Org.) *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras; [Rio de Janeiro]: Funarte, 1990.
- MERQUIOR, J. G. *Arte e sociedade em Adorno, Marcuse e Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- ROBERTS, J. *Walter Benjamin*. London: Macmillan, 1982.